
Família e mulheres no povoamento do antigo Planalto Paulista

Famílias, mulheres e povoamento: São Paulo, século XVII.

SAMARA, Eni de Mesquita.

Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003. 102 p. (Coleção História).

Eni de Mesquita Samara é professora titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, atual diretora do Museu Paulista da USP e presidente da ANPUH.

Desde sua tese de doutorado, *A família na sociedade paulista do século XIX*,¹ ela tem investigado a família paulista e brasileira em seus diferentes momentos. Nessa publicação volta sua atenção para os primeiros anos da colonização paulista – o século XVII –, a mesma época da obra de José de Alcântara Machado de Oliveira *Vida e morte do bandeirante*.²

O livro de Samara aborda temas consagrados pela Nova História:³ a família e as mulheres. A primeira parte da obra trata da família e a segunda, do papel das mulheres no povoamento paulista. O conteúdo é apresentado em oito capítulos sintéticos e parágrafos curtos. Contém, ainda, duas gravuras do século XIX, de Jean-Baptiste Debret, uma indicativa de passeio em família e a outra sobre a vestimenta feminina, assim como quatro gravuras idealizadas apresentando as vestimentas da época, extraídas do trabalho de Belmonte *No tempo dos bandeirantes*.⁴

Ele se dirige tanto ao especialista da História Cultural quanto ao professor de nível médio ou superior do curso de História.

De início, é reapresentada a discussão sobre a família colonial brasileira, tendo por baliza o clássico de Gilberto Freyre – *Casa-grande & senzala*⁵ – que consagrou o conceito de família extensiva e patriarcal. A seguir, a autora analisa os autores da primeira fase de revisão da temática nos anos 1950 e 1960, culminando, nos anos 1970, com Eni M. Samara,⁶ Iraci del Nero da

Costa,⁷ Elizabeth Kuznesof,⁸ Maria Odila Dias⁹ e outros que indicaram diferentes situações de famílias particularmente no Sul e no Sudeste do país. Nos núcleos urbanos, por exemplo, a família extensa era minoria, enquanto as famílias chefiadas por mulheres representavam um número considerável. Essa revisão historiográfica não é exaustiva em vista da ausência da tese de Maria Luiza Marcilio,¹⁰ pioneira na apresentação de dados demográficos da população paulista na passagem do século XVIII para o XIX, que demonstrou coexistir vários tipos de família em São Paulo.

A historiadora destaca ainda que a produção historiográfica mais recente tem se preocupado em estabelecer paralelos com as organizações familiares de outras regiões. Por exemplo, Alida Metcalf¹¹ localizou em Santana de Parnaíba arranjos familiares das regiões de fronteira semelhantes aos arranjos das áreas de colonização na América do Norte e da América Latina.

A maioria das obras utilizadas na reflexão do modelo de família patriarcal brasileira refere-se ao século XVIII e, principalmente, ao XIX, haja vista a carência de pesquisas sobre a história brasileira dos primeiros anos.

O capítulo três – “Família, riqueza e poder na São Paulo colonial” – caracteriza a família da elite paulista do Seiscentos. Tanto nas áreas exportadoras quanto naquelas ocupadas com o abastecimento interno, a terra era privilégio; portanto, estava concentrada em poucas famílias que representavam a “nobreza colonial”. A posse da terra e de escravos significava prestígio e poder, de forma que as alianças matrimoniais entre a elite garantiam a continuidade desse modelo.

Nos parágrafos seguintes, passamos a sentir falta das informações sobre as famílias mais humildes. Entretanto, esse subtema é deixado para ser desenvolvido em futuras monografias, pois o trabalho concentra-se na análise historiográfica.

Por fim, a autora esclarece ser impossível conceber um padrão de família colonial brasileira, pois ocorreram diferenças ao longo do tempo, além das diferenças regionais, de raça e de classe que dificultam a construção de um conceito único de família.

Disserta, a seguir, sobre as mulheres dos primeiros séculos. A história das mulheres teria se firmado como um desdobramento dos estudos da família. A caracterização do papel social das mulheres começou com as análises das mulheres chefes de grupos familiares. O folclore e a história oral também descreviam mulheres fortes que eram protetoras do lar na época dos bandeirantes. Acrescida do fato de que a população masculina dessa época vivia em constante movimento, essa situação teria delegado às mulheres viúvas ou de maridos ausentes a direção e o provimento da casa.

Credita à falta das fontes históricas o ineditismo do tema. E contra-argumenta que, já que a família e as mulheres estão quase ausentes na documentação dos primeiros séculos da colônia, os testamentos e os inventários *post-mortem* podem se transformar em fontes privilegiadas para essa inclusão e análise.

Por essa razão, Alida Metcalf¹² e Muriel Nazzari¹³ selecionaram as partilhas dos inventários *post-mortem* a fim de compreender a participação das mulheres da colônia na vida social. Na partilha constavam as informações sobre os dotes e adiantamentos recebidos pelos filhos, assim como a distribuição da terça estipulada no testamento. A análise dessa documentação revelou, para Nazzari, o privilegiamento das filhas através dos dotes e das terças legadas pelos pais de Santana de Parnaíba. Acrescenta, ainda, que Charles Boxer¹⁴ localizou algumas mulheres mais poderosas do que os homens nas colônias ibéricas.

Eni Samara ilustra os diversos capítulos com casos de mulheres gerenciadoras dos seus bens: por exemplo, a rebelde Maria da Anunciação, casada com Antonio Francisco Baruel, que deixou com o irmão a administração dos seus bens; ou as viúvas Lucrecia Leme e Catharina Paes, incumbidas pelos falecidos da total responsabilidade pelo espólio.

E conclui que

[...] essa História não pode ser considerada marginal, um adendo ou mesmo um suplemento à parte, mas sim uma História mais próxima da realidade em que vivemos no passado e que hoje é analisada na sua complexidade de variáveis e especialmente com uma visão inovadora e multidisciplinar (p. 90).

O livro cumpre seus objetivos, pois nos apresenta, em linguagem clara e concisa, o debate atual sobre o papel da família e das mulheres nos primeiros séculos das capitâneas

Paulistas. As referências bibliográficas coincidem com as obras necessárias para um curso de graduação ou pós-graduação sobre o tema. Isso porque as abordagens nos diversos capítulos foram "problemáticas instigantes e foram tratadas originalmente como aulas nos concursos de Livre-Docência e titulação que realizei no Departamento de História" da Universidade de São Paulo (p. 8).

Notas

¹ SAMARA, 1980.

² OLIVEIRA, 1943.

³ Eni M. Samara ressaltou na sua tese de doutorado que a obra de Philippe Ariès *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime* (ARIÈS, 1973) serviu-lhe de apoio metodológico e conceitual para aquela pesquisa. Sobre os novos temas tratados pela História, ver Jacques LE GOFF e Pierre NORA, 1995. Para as novas abordagens desenvolvidas pela historiografia brasileira, ver Ciro CARDOSO e Ronaldo VAINFAS, 1997.

⁴ SAMARA, 1980, p. 66, 67 e 69. As gravuras de DEBRET, 1954, são representações da época em que o artista visitou o Brasil, no início do século XIX, sendo editadas entre 1834 e 1839; por outro lado, as gravuras de BELMONTE, 1939, foram criadas no século XX para ilustrar os livros sobre o passado.

⁵ FREYRE, 1933.

⁶ SAMARA, 1980.

⁷ COSTA, 1977.

⁸ KUZNESOF, 1986.

⁹ DIAS, 1982.

¹⁰ MARCÍLIO, 1974.

¹¹ METCALF, 1992.

¹² METCALF, 1992.

¹³ NAZZARI, 1991.

¹⁴ BOXER, 1975.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Seuil, 1973.

BELMONTE. *No tempo dos bandeirantes*. São Paulo: Gráfica da Prefeitura, 1939. 310 p.

BOXER, Charles R. *Mary and Misogyny: Women in Iberian Expansion Overseas, 1415-1815, Some Facts, Fancies, and Personalities*. London: Duckworth, 1975. 142 p.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Dominios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 508 p.

COSTA, Iraci del Nero da. "A estrutura familiar e domiciliária em Vila Rica no alvorecer do século XIX". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, São Paulo, v. 19, p. 17-34, 1977.

DEBRET, Jean Baptiste (1768-1848). *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Paris: R. de Castro Maya, 1954. 23 p. 100 plates.

-
- DIAS, Maria Odila da Silva. *Anna Gertrudes de Jesus, mulher da terra*. 1982. Tese (Livre Docência em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933. 517 p.
- KUZNESOF, Elizabeth Anne. *Household Economy and Urban Development: São Paulo, 1765 to 1836*. Boulder: Westview Press, 1986. 216 p.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos problemas*. 4. ed. Tradução: Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. 193 p.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850, com base nos registros paroquiais e nos resençamentos antigos*. Tradução da autora da tese de 1968. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1974. 220 p.
- METCALF, Alida. *Family and Frontier in Colonial Brazil – Santana de Paranaíba 1580-1822*. Berkeley: University of California Press, 1992. 280 p.
- NAZZARI, Muriel. *Disappearance of the Dowry: Women, Families and Social Change in São Paulo, Brazil (1600-1990)*. Stanford: Stanford University Press, 1991. 245 p.
- OLIVEIRA, José de Alcântara Machado de. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Martins, 1943. 236 p.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família na sociedade paulista do século XIX (1800-1860)*. 1980. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Maria Lucília Viveiros Araújo ■
Faculdade de Economia, Administração e
Contabilidade da USP